

UNILETRAS

100/EXÍLIO & CENTAURO: MODERNISMO EM REVISTA(S)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REITOR

Carlos Luciano Sant'Ana Vargas

DIRETOR DO SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

Luis Fernando Cerri

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Eliane Santos Raupp

UNILETRAS

EQUIPE EDITORIAL

Marly Catarina Soares

Lucan Fernandes Moreno

EDITOR DO DOSSIÊ

Fernando de Moraes Gebra

REVISOR ORTOGRÁFICO

Marly Catarina Soares, Lucan Fernandes Moreno e Fernando de Moraes Gebra

CONSELHO EDITORIAL

Agnès Levécot - Sorbonne - Paris	Maria Tereza Amodeo - PUCRS
Alexandre Soares Carneiro - UNICAMP	Orna Messer Levin - UNICAMP
Clarice Nadir Von Borstel - UNIOESTE	Pedro Carlos Louzada Fonseca - UFG
Danglei de Castro Pereira - UEMS	Regina Dalcastagnè - UnB
Fernando de Moraes Gebra - UFFS	Rosane Cardoso - UNIVATES
Luciana Marino do Nascimento - UFAC	Rozana Aparecida Lopes Messias - UNESP/ASSIS
Luís Isaías Centeno do Amaral - UFPEL	Tânia Regina Oliveira Ramos - UFSC
Marcus Vinicius de Freitas - UFMG	Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa - UFMG
Maria Cristina de Almenida Mello Laranjeira - UC	Valdirene Zorzo-Veloso - UEL
Maria Cristina Fernandes Salles Altman - USP	Vilson Leffa - UCPel
Maria Marta Furlanetto - UFSC	

COMISSÃO DE AVALIADORES

Allan Valenza de Silveira - UFPR	Marcos Barbosa Carreira - UEPG
Antônio João Teixeira - UEPG	Maria Marta Furlanetto - UNISUL
Clarice Nadir von Borstel - UNIOESTE	Naira de Almeida Nascimento - UFTPR
Clóris Porto Torquato - UEPG	Rosana Apolônia Harmuch - UEPG
Daniel de Oliveira Gomes - UNICENTRO	Sebastião Lourenço dos Santos - UEPG
Elódia Constantino Roman - UEPG	Tânia Regina Oliveira Ramos - UFSC
Genilda Azerêdo - UFPA	Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa - UFMG
Jane Kelly Oliveira - UEPG	Ubirajara Araujo Moreira - UEPG
Keli C. Pacheco - UEPG	Valeska Gracioso Carlos - UEPG
Luísa Cristina dos Santos Fontes - UEPG	

ISSN 0101-8698

UNILETRAS

100/EXÍLIO & CENTAURO: MODERNISMO EM REVISTA(S)

V. 38, N. 2

Editora
UEPG

CAPA
Viviane Motim

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Marco Wrobel

UNILETRAS (Universidade Estadual de Ponta Grossa).
Departamento de Letras Vernáculas e Departamento de Línguas
Estrangeiras Modernas. Ponta Grossa, PR, Brasil, 1979 -

Anual de 1979-2007.
Semestral 2008-.

ISSN 0101-8698 - impresso CCN 078192-4
1983-3431 - on-line

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

REVISTA INDEXADA EM

GEODADOS: Base de dados da UTFPR

CLASE: Base de Datos Bibliográfica de Revistas de Ciencias Sociales y Humanidades da
Universidade Nacional Autónoma de México

RCAAP: Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal

UNILESTE: www.unilestemg.br/bbl/per3-21-20.html

UNIVILLE: www2.univille.edu.br/biblioteca

QUALIS CAPES

CORRESPONDÊNCIA/DISTRIBUIÇÃO/PERMUTAS

Revista Uniletras
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Departamento de Estudos da Linguagem
Praça Santos Andrade, nº 1
Ponta Grossa – Paraná – 84010-919
Fone: (42) 3220-3191
E-mail: uniletras@uepg.br
<http://www.revista2.uepg.br/index.php/uniletras>

Permutas: intercambio@uepg.br
uniletras@live.com

VENDAS - Editora e Livrarias UEPG
Fone/fax: (42) 3220-3306
E-mail: vendas.editora@uepg.br / livraria@uepg.br
<http://www.uepg.br/editora>

SUMÁRIO

173 **Apresentação**

DOSSIÊ TEMÁTICO

100/EXÍLIO & CENTAURO: MODERNISMO EM REVISTA(S)

185 *EXÍLIO, CENTAURO E O DECADENTISMO EM PORTUGAL*
Mário Vítor Bastos

199 1916: UM ANO DE REVISTAS LITERÁRIAS
Ricardo Marques

211 A REVISTA *EXÍLIO*, DE SANTA RITA E PESSOA, E O SEU OCULTISMO
Pedro Teixeira da Mota

227 FERNANDO PESSOA, SÁ-CARNEIRO E CÔRTEZ-RODRIGUES, O TRIÁLOGO EM
ORPHEU
Anabela Almeida

237 ENTRE O SIMBOLISMO FRANCÊS E O MODERNISMO PORTUGUÊS: A PRESENÇA
DO BRASILEIRO EDUARDO GUIMARAENS NA REVISTA *ORPHEU*
Bruno Anselmi Matangrano

251 AS (MULTIPLI)CIDADES DOS MODERNISTAS PORTUGUESES
La Salette Loureiro

265 ALFREDO GUIASADO E A GALIZA NO PERIÓDICO *REPÚBLICA*
Fernando de Moraes Gebrá

279 DA 'HORA' PESSOANA
Annabela Rita

297 VISCONDE DE VILA MOURA, LEITOR DE FIALHO DE ALMEIDA
Duarte Braga

307 LITERATURA VIVA OU VIDA NA LITERATURA: A TORRE DE MARFIM DA PRESENÇA
COMO ALVO PREFERIDO DOS NEORREALISTAS
Fernando Teixeira Batista

**DEPOIMENTOS: OS DE ORPHEU/EXÍLIO PELOS SEUS
DESCENDENTES**

321 COELHO PACHECO: EQUÍVOCOS, COINCIDÊNCIAS E FACTOS
Ana Rita Palmeirim

331 ANTÓNIO FERRO, O MEU AVÔ...
Ana Mafalda Roquette de Quadros Ferro

339 BREVES NOTAS BIOGRÁFICAS SOBRE ALFREDO PEDRO GUISADO
Francisco de Barros e Vasconcellos Guisado

APRESENTAÇÃO

100/EXÍLIO & CENTAURO: MODERNISMO EM REVISTA(S)

Fernando de Moraes Gebra

O Colóquio Internacional *100/Exílio & Centauro: Modernismo em Revista(s)*, ocorrido nos dias 3 e 4 de fevereiro de 2016 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e certificado pelo Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), foi motivado pelo facto de que, no ano de 2016, se comemoram duas importantes efemérides: o centenário das revistas *Exílio* (número único, Abril 1916) e *Centauro* (número único, Outubro 1916), respectivamente dirigidas por Augusto de Santa-Rita (irmão do artista plástico Guilherme de Santa-Rita, ou Santa-Rita Pintor) e Luís de Montalvor (um dos diretores do primeiro número da *Orpheu*).

Augusto de Santa-Rita pretendia, com *Exílio*, uma revista de “artes, ciencias e letras”, com ideias de metafísica da Raça portuguesa, próximas do grupo da Renascença Portuguesa e da revista portuense *A Águia*, como fica patente na colaboração de António Sardinha acerca do canto guerreiro de sacrifício pela Pátria, em consonância com algumas ideias de Teixeira de Pascoaes em *Arte de ser português* (1915). A revista apresenta, a par de colaborações literárias de Alfredo Guisado, Fernando Pessoa, Côrtes-Rodrigues e António Ferro, algumas colaborações de discurso histórico e político. O processo de composição da revista pode ser verificado em carta de Augusto de Santa-Rita a Armando Côrtes-Rodrigues, de 26 de janeiro de 1916, que aqui reproduzo:

XXVI/I/M.CMXVI.

Meu caro Côrtes-Rodrigues:

Escrevo-lhe dos “Irmãos Unidos” onde me encontro com o Pedro de Menezes para lhe lembrar que estou muito confiado em que receberei até amanhã 27, como tínhamos resolvido, a colaboração do Eugenio de Castro, a do António Sardinha e a do Nuno Simões.

Desejaria muito que a “Exilio” não deixasse de sair no próximo 15

Conto portanto com o seu belo esforço e muito boa vontade.

Vou amanhã falar ao Nobre de Mello a não ser que o meu presado Cortes- Rodrigues entenda mandar o contrário.

Dê novas suas e creia-me com muita simpatia

Confrade e admirador

Augusto de Santa-Rita

O pedido de colaboração de António Sardinha encontra-se também em carta de Côrtes-Rodrigues ao ensaísta responsável por fundar as bases do Integralismo Lusitano. O integralista António Sardinha apresenta, em *Exílio*, “um belo poema em prosa evocativo da teoria do sacrifício de Pascoaes”, nas palavras do ensaio de Mário Vitor Bastos. A epístola de Côrtes-Rodrigues encontra-se no espólio de António Sardinha, na Biblioteca João Paulo II, e foi publicada pela primeira vez na tese de Doutoramento de Anabela Almeida, intitulada *As constantes de Orpheu na obra de Armando Côrtes-Rodrigues*.

Meu Caríssimo Amigo,

Terei de partir no dia 5 de fevereiro para a minha Ilha de S. Miguel e não quero deixar Lisboa sem mais uma vez voltar ao seu gabinete trabalho para o conforto de umas boas horas na sua companhia.

Poderei procura-lo qualquer dia indiferentemente?

Espero de sua amabilidade o favor de me esclarecer.

Venho ainda – perdoe-me tanta teimosia – rogar-lhe encarecidamente que se não esqueça do seu belo trabalho “A colina inspirada” para o primeiro número de “Exílio”.

Estamos já no fim do mês e na absoluta e inteira necessidade de se recolherem os originais, pois a revista deve aparecer em começos de fevereiro.

Tenha paciência por esta vez, que para a outra prometo menos exigências e não abusar assim tanto da sua gentileza.

Creia na dedicada estima e muita admiração do seu muito dedicado e grato

Côrtes-Rodrigues

Algés em sua casa na

Quinta da Piedade

Ano de 1916 janeiro 26

Exílio apresenta uma diversidade de vozes discursivas, algumas das quais relacionadas ao “nacionalismo messiânico”. Nas palavras de Anabela Almeida, “Recuperar a ‘alma portuguesa’ era horizonte cultural do poeta açoriano e o Integralismo revelava-se-lhe como meio para o conseguir” (2014, p.62). Em sua tese de Doutoramento, a autora discute, entre tantos aspectos da obra do poeta de *Cantares da noite*, suas relações de amizade com os integralistas e com os de *Orpheu*. Este último aspecto é tratado no artigo “Fernando Pessoa, Sá-Carneiro e Côrtes-Rodrigues, o triálogo em *Orpheu*”, que neste dossiê se estampa.

Na esteira das estéticas finisseculares, *Centauro* busca transcender toda a “moral colectiva”, “mordada da moral individual”, afirmando uma “moral estética” de uma arte tributária do Decadentismo nas linhas de Mallarmé e Maeterlink, como se depreende da “Tentativa de um ensaio sobre a Decadência”, do seu diretor Luís de Montalvor, em que se destaca a ânsia pela Beleza. Luís de Montalvor, Alberto Osório de Castro, Raul Leal, Fernando Pessoa, Julio

de Vilhena e Silva Tavares colaboram na revista que publica pela primeira vez quinze poemas de Camilo Pessanha. Nas palavras de Montalvor,

Somos mais sentidamente decadentes porque somos mais misticamente doentes que todos os místicos de todas as doenças espirituais de todos os tempos. A decadência é para nós o símbolo com que vestimos o estado de alma coletivo de *exilados da Beleza!* Ser-se decadente é ser-se doente espiritualmente, é ser-se superior! A arte é a doença imortal dos pálidos de Deus e da Beleza...

Além de homenagear essas duas importantes revistas literárias portuguesas de 1916, o *Colóquio Internacional 100/Exílio & Centauro: Modernismo em Revista(s)* apresentou um conjunto de conferências, mesas redondas e comunicações que destacaram aspectos centrais na historiografia e crítica literárias lusófonas: as condições intertextuais e dialógicas dos projetos e autores modernistas luso-brasileiros; as interfaces políticas, sociais, filosóficas das estéticas modernistas com os movimentos culturais do século XX; o constante diálogo com a tradição literária simbolista, decadentista e saudosista e com a tradição historiográfica de ressignificação dos mitos pátrios portugueses; a interpenetração de várias linguagens artísticas (literatura, artes plásticas, música e cinema).

O colóquio sediado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa pretendeu enfatizar essas questões luso-brasileiras, interartísticas, dialógicas, intertextuais. Além de propostas de comunicação que incidissem diretamente sobre as revistas *Exílio* e *Centauro* e sobre o seu lugar na configuração do Modernismo em Portugal, como continuadoras da *Orpheu*¹, sugeriu-se a apresentação de trabalhos sobre os seguintes eixos temáticos:

1. Revistas literárias luso-brasileiras, portuguesas e brasileiras: diálogos interatlânticos nos séculos XIX e XX;
2. Revistas literárias modernistas: dialética da tradição e ruptura;
3. Estéticas confluentes e afluentes: Simbolismo, Decadentismo, Saudosismo e Modernismo;
4. Artes em diálogo: literatura, artes plásticas, música e cinema no Modernismo português e no Modernismo brasileiro.
5. O legado estético na Arte contemporânea.

O Colóquio Internacional *100/Exílio&Centauro* contou com apresentações de importantes investigadores: Isabel Ponce de Leão, Maria de Jesus Cabral, Maria de La Salette Loureiro, Fernando Batista, Ana Raquel Roque, Ricardo Marques, Bruno Anselmi Matangrano, Ulisses

¹Trata-se do único colóquio que ocorreu na Europa sobre as revistas *Exílio* e *Centauro*. Com proposta semelhante a esse evento, teve lugar nos dias 24 e 25 de novembro de 2016 o *Colóquio Internacional por ocasião das Comemorações da Revista Orpheu. Além de Orpheu. As outras revistas modernistas portuguesas em diálogo intercultural*. Evento organizado por Michela Graziani, Piero Ceccucci e Carla Marisa da Silva Valente, na Universidade de Florença, contou com apresentações de conceituados investigadores de universidades italianas, portuguesas e brasileiras. Algumas das apresentações incidiram sobre as revistas *Exílio* e *Centauro*.

Infante, Cristiana Serejo, Pedro Teixeira da Mota, Fernando de Moraes Gebra, Rui Lopo, Marisa Neves Henriques, Mário Vitor Bastos, Gabriela Silva e Anabela Almeida. Ademais, reuniu numa mesma mesa-redonda três descendentes dos poetas de *Orpheu*: Ana Rita Palmeirim, neta de José Coelho Pacheco; Mafalda Ferro, neta de António Ferro; Francisco de Barros e Vasconcellos Guisado, sobrinho-bisneto de Alfredo Guisado. Embora não estivesse presente nesse colóquio, a professora e investigadora Teresa Rita Lopes foi muito lembrada pelas suas contribuições pioneiras aos estudos pessoanos e modernistas.

O colóquio contou com profícuas discussões. Registro o agradecimento aos membros da comissão organizadora do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, nas pessoas de Carolina Soares, Luís Pinheiro, Rui Sousa, Sofia Santos, Catarina Pereira e José Carlos Serpa Bernardino; do Centro de Estudos Comparatistas, Gabriela Silva. Destaco o apoio da mestrandia Nara Dalagnol, da Universidade Federal da Fronteira Sul, que auxiliou na normatização e revisão dos textos. Também se destacam os apoios de instituições parceiras como Fundação António Quadros, Centro de Estudos Regionais, Grupo de Pesquisa Literaturas Ibero-Americanas (UFPR). Os resultados dos trabalhos apresentados nesse evento publicam-se neste dossiê temático da Revista *Uniletras*.

Na sinfonia de vozes que se faz presente nesse dossiê, o prelúdio pode ser contemplado no ensaio “Exílio, Centauro e o Decadentismo em Portugal”, de Mário Vítor Bastos, que situa historicamente as duas revistas literárias de 1916 e apresenta suas principais linhas formais, estéticas e temáticas. Como um “outro menino Deus pregando entre os doutores”, nas palavras de Augusto de Santa-Rita, *Exílio* – e também *Centauro* – constitui um ressoar de múltiplas vozes – de diferentes posições políticas – de sujeitos que se sentem exilados e desenraizados. Como destaca Bastos,

Muitos portugueses (intelectuais ou não), independentemente de viverem, pensarem e criarem em Portugal, sentiram e sentem a força da marginalização e aprisionamento existenciais, particularmente negativo e trágico quando sentido dentro do próprio país.

Essa reflexão aponta para a permanência e a universalização das propostas de *Exílio* e *Centauro*, para além da realidade sócio-cultural portuguesa. O exame de alguns poemas estampados nas duas revistas permite ao autor afirmar que “parece haver antes um forte sentido da experiência da dor, do luto, da melancolia e masoquismo de um amor perdido, mesmo que inconscientes, associados à maioria dos textos de *Exílio* e *Centauro*”.

A ideia de “amor perdido” parece, de certa forma, homologar-se com a proposta de leitura de Pedro Teixeira da Mota. Embora centrado apenas na *Exílio*, o autor relaciona-a com *Orpheu* e *Centauro* no que se refere ao exílio como elemento geracional presente na mentalidade de todos os colaboradores, uma espécie de “consciência genésica e primordial”, e também ambiental. O autor entende a abrangência de discursos presentes na *Exílio* “como que um meio termo entre as forças do passado e do futuro, entre a tradição cultural antiga portuguesa e a nova e

modernista”. Essa conjugação entre passado e futuro, tradição e renovação articula-se com “a missão abrangente da *Exílio*”, qual seja, a de “clarificar o inconsciente colectivo nacional”.

Simultaneamente, o ensaio de Teixeira da Mota centra-se na sensibilidade e mensagem esotérica e espiritual presente nos textos publicados em *Exílio*, destacando o tríptico de Augusto de Santa-Rita, composto pelos poemas “Signal da raça”, “A tua presença” e “Céu”, e também o texto “Movimento Sensacionista”, no qual Fernando Pessoa comenta os livros *Elogio da paisagem*, de Pedro de Menezes (pseudónimo de Alfredo Pedro Guisado) e *As três princesas mortas num palácio em ruínas*, de João Cabral do Nascimento. No texto de Pessoa, verifica-se a presença de elementos ocultistas na estética sensacionista: “Por toda a parte a sociedade ocultamente constituída pelas inteligências portuguesas vai sendo ensopada em sensacionismo” (1982, p.46).

Da mesma forma que *Exílio* e *Centauro* parecem ficar eclipsadas pela anterior *Orpheu* (com apenas dois números em 1915 e com um número deixado no prelo, apenas publicado em 1984 por Arnaldo Saraiva) e pela posterior *Portugal Futurista* (com número único em 1917), outras importantes publicações periódicas estampam-se no ano de 1916: *Camilliana: Archivo de Materiaes para um Monumento Litterario ao Grande Escriptor* – revista portuense de número único, dirigida por Alfredo de Faria; *Gente Lusa: Arquivo de Letras e Artes* – com duas séries (1916 e 1917), totalizando 10 números, e dirigida por Carlos de Moraes, Zacarias Correia, Praia da Granja, António Reis; *Terra Nossa*, dirigida por António Lobato Adegas, com três números em 1916. Objeto de estudo do ensaio de Ricardo Marques, “1916- Um ano de revistas literárias”, essas publicações periódicas apresentam propostas similares às revistas *Exílio* e *Centauro*, na medida em que consideram a importância da tradição literária como componente de fundação de novas estéticas. Nas palavras do autor, “assiste-se a um outro movimento paralelo de sacralizar e canonizar autores finisseculares e ainda pertencentes ao século anterior, de forma a cimentar as fundações dessa mesma tradição”. Como exemplo, destaca-se, na introdução do primeiro número de *Gente Lusa*, o nacionalismo relacionado à tradição, também presente em *Exílio*:

Nascida numa terra de glorioso passado *Gente Lusa* processará o culto nobilíssimo da Tradição, não para diante dela se quedar em contemplação doentia, antes muito singelamente para na sua força salutar beber alentos para a realização de uma tarefa bem digna da terra portuguesa.

O alcance e o significado dessas duas importantes revistas portuguesas, normalmente esquecidas pelas historiografias literárias luso-brasileiras, que parecem não entender a importância das estéticas saudosista e decadentista como misturadas aos movimentos de vanguarda em Portugal da década de 1910, são avaliados no artigo de Mário Vítor Bastos, que destaca a importância do Decadentismo, assim como o faz Bruno Anselmi Matangrano, em seu ensaio “Entre o Simbolismo francês e o Modernismo português: A presença do brasileiro Eduardo Guimaraens na revista *Orpheu*”. Nesse ensaio, o autor parte do caso específico do poeta sul-rio-grandense e analisa as relações dialógicas que esse poeta estabelece com Paul

Verlaine e Stephane Mallarmé. Matangrano, que vem estudando a poesia simbolista desde a sua dissertação de Mestrado, demonstra, neste artigo

a evidente noção de continuidade entre as duas escolas – contrariando a ideia, por vezes defendida, de que novas escolas sempre nascem de negação e ruptura –, como também o quanto já havia de moderno no Simbolismo e, por consequência, o quanto havia da poética do Símbolo no Modernismo.

As relações dialógicas entre as poéticas finisseculares e as poéticas do primeiro quartel do século XX podem ser contempladas também no tratamento literário dado à representação da cidade – real e/ou imaginária – na poética de autores como Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro. Na esteira de Cesário Verde, que expressa as tensões do moderno homem citadino numa Lisboa cheia de contrastes sociais, Álvaro de Campos e Bernardo Soares ora revisitam ora transfiguram essa cidade, conforme exposto no ensaio “As (multipli)cidades dos modernistas portugueses”, de Maria de La Salette Loureiro. A autora destaca, no caso de Bernardo Soares, as “duas faces da mesma moeda”: “A cidade do quotidiano” e “A cidade irreal”. Conforme a autora, “considerando-se a si próprio como espectador e espectáculo, o “teatro íntimo” (PESSOA, 1986, p. 272) que Soares constrói dentro de si, só pode ser gratificante e compensador das frustrações ‘reais’ duma vida incompleta”.

No caso de Sá-Carneiro, Loureiro destaca “o tema da relação do autor e suas personagens com Paris”. Tanto o autor, como se vê nas cartas escritas a Fernando Pessoa e examinadas nesse ensaio, nos contos de *Céu em fogo*, e também em muitos de seus poemas, como suas personagens viveram ardentemente o amor por Paris. Será nesse Paris “Orgiaco e solene, monumental e fútil...”, nas palavras do narrador de “Ressurreição”, que Sá-Carneiro porá termo à sua vida no dia 26 de abril de 1916. O sujeito funde-se, pois, à cidade. Conforme a autora,

Em Mário de Sá-Carneiro, cumprindo a afirmação de que tudo o que o impressiona se lhe volve sexualizado, também Paris se torna num corpo/objecto de prazer. Para os seus olhos/sentidos, ou das suas personagens, também elas invariavelmente envolvidas com a grande capital, Paris transforma-se num corpo feminino, quase sempre, poucas vezes, masculino, mas sempre objecto de desejo.

Não menos importantes que Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, destacam-se autores significativos nessa geração literária conhecida como *Orpheu*: Alfredo Pedro Guisado, Armando Côrtes-Rodrigues, Almada Negreiros, Luís de Montalvor, Ronald de Carvalho, Eduardo Guimaraens, Ângelo de Lima, Raul Leal, para ficarmos com alguns nomes dos produtores literários que tiveram seus textos estampados na revista *Orpheu*. Para além desses autores, vale a pena mencionar Augusto de Santa Rita, diretor da revista *Exílio*, com uma produção literária que abrange a poesia e também a literatura infanto-juvenil.

Também merecem destaque António Ferro e José Coelho Pacheco. O primeiro, estudado no depoimento de sua neta, Mafalda Ferro, como é sabido, figura como editor da *Orpheu*, por

iniciativa de Sá-Carneiro, para evitar complicações jurídicas, já que Ferro, na ocasião, tinha vinte anos, sendo, portanto, menor de idade. Embora não tenha publicado na *Orpheu*, António Ferro gravitava com esse grupo e escreveu trovas populares, poesia, crônicas e peças de teatro, tendo encenado *Mar Alto* em cidades brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro, além de ter feito conferências em terras brasileiras, funcionando, também, como um mediador cultural. Já o segundo, por muito tempo se acreditava ser um heterônimo de Fernando Pessoa. Desde 1953, quando Adolfo Casais Monteiro publicou os poemas de Pessoa destinados a *Orpheu 3*, atribuiu-se de maneira equivocada a autoria do poema “Para além d’outro oceano”, de C. Pacheco. O desfecho desse equívoco encontra-se no depoimento da neta de Coelho Pacheco, Ana Rita Palmeirim.

“O mais injustamente esquecido dos poetas de *Orpheu*”, nas palavras de Óscar Lopes – mas não apenas de *Orpheu*, como também de *Exílio* e das publicações periódicas galegas *El Tea*, *A Nosa Terra* e *Nós* – é Alfredo Pedro Guisado, que assinou suas produções com pseudônimos como Refaldo Brila, Alfredo Abril, Pedro de Menezes, Domingos Dias Santos e João de Lobeira. Seu sobrinho-bisneto Francisco de Barros e Vasconcellos Guisado fornece-nos um depoimento acerca de curiosidades biográficas do autor de *Mais Alto*, da sua relação pessoal com os companheiros da aventura órfica e também das relações mantidas com a terra dos seus familiares, a Galiza.

As relações interculturais luso-galaicas são examinadas no ensaio de minha autoria, “Alfredo Guisado e a *Xeración Nós*”, no qual demonstro que, mesmo não atuando de forma direta nas questões políticas da Galiza no longo período do regime franquista, Alfredo Guisado escreveu na sua página literária do jornal *República* textos acerca da história da literatura galega e de importantes autores galegos como Rosalía de Castro e Castelao. A relação de Guisado com a Galiza faz-se notar desde os anos juvenis, com a publicação de vários poemas no periódico agrarista-sindicalista *El Tea*, alguns dos quais integraram seu primeiro poemário, *Rimas da noite e da tristeza* (1913). Em *El Tea*, destaca-se a atuação literária e política do autor, que viria a ocupar importantes cargos políticos em Portugal antes do golpe militar de 1926. Em cartas enviadas aos amigos António Ferro e Augusto Cunha, Guisado comenta acerca das paisagens física e humana da Galiza.

Já as relações das poéticas fundadas pelo mito e pelo imaginário são discutidas por Annabela Rita no ensaio “Da ‘Hora’ pessoana”. Conforme a autora, a vivência do mito principalmente em épocas em que o discurso lógico-racional se revela incapaz de trazer-nos soluções adequadas. Segundo Annabela Rita, *Mensagem* insere-se em um contexto epocal das grandes exposições que apresentam uma dimensão retrospectiva referente ao passado heroico português e a uma dimensão prospectiva de inserir Portugal no contexto das grandes inovações científicas. Tal como as exposições permanente e temporária *Portugal dos Pequenitos* e *O mundo português*, obras literárias como *Finis Patriae*, de Guerra Junqueiro, *O heroísmo*, de Júlio Dantas, e *Mensagem*, de Fernando Pessoa, constituem uma resposta ao paradigma presente na sociedade

portuguesa de que “Portugal é um país pequeno”. Annabela Rita afirma que *Mensagem* constitui um discurso ritualístico por expor lugares do nosso imaginário para que os leitores, tal como os visitantes do *Portugal dos Pequenitos*, possam vivenciar a dimensão mítica da história e da cultura portuguesas.

Como precursores de *Orpheu* e do Modernismo em Portugal, costumam-se apontar Cesário Verde, António Nobre e Camilo Pessanha. Para ficar em apenas um desses casos, no número especial da revista coimbrã *A Galera*, dedicada à memória de António Nobre, na qual também colaborou Fernando Pessoa com um texto em prosa, em homenagem a esse autor, Alfredo Guisado e Sá-Carneiro publicaram, respectivamente, os poemas “Só” e “Anto”, que constituem um retrato poético do autor de *Só*. Caracterizado com o seu “olhar doente” em “Só”, de Guisado, e como “pajem débil” em “Anto”, de Sá-Carneiro, Nobre faz ecoar nas poéticas desses autores imagens que permitem afirmar que *Orpheu* não foi apenas ruptura como muitos críticos assinalam, mas principalmente, diálogo com uma tradição poética e historiográfica.

Encontram-se ecos de Cesário Verde e Camilo Pessanha na poética dos jovens de *Orpheu*, que ficam explícitos na correspondência de Sá-Carneiro a Pessoa, e também no desejo de esses poetas darem à estampa poemas de Camilo Pessanha no terceiro número de *Orpheu*, o que veio a acontecer no número único da revista *Centauro*. Além dessas já comentadas relações dialógicas que os de *Orpheu* estabeleceram com as poéticas finisseculares, é possível, como se depreende do ensaio de Duarte Drumond Braga, acerca da leitura crítica que o Visconde de Vila Moura, título nobiliárquico de Bento de Carvalho Lobo, faz da obra de Fialho de Almeida. Num texto em que se apresentam as várias imagens que a obra fialhesca tem recebido da historiografia e crítica literárias, Duarte Braga descontrói imagens acerca de um epigonismo em relação à obra de Eça de Queiroz e de um naturalismo ambíguo. O autor do ensaio “Visconde de Vila Moura, leitor de Fialho de Almeida” destaca a leitura que o visconde faz da obra de Fialho, destacando a “fragmentariedade” de um “esteta visionário”, com notáveis atitudes experimentais, o que o aproxima, conforme Duarte Braga, da vanguarda expressionista.

Se alguns estudiosos centram sua atenção nos precursores da geração de *Orpheu*, outros destacam as ressonâncias das atitudes temáticas, estéticas e estilísticas nas gerações poéticas posteriores. Os ecos da lira dos poetas de *Orpheu* ressoam nos poetas e críticos da revista *Presença*. Estes foram responsáveis pela publicação, circulação e difusão das obras dos poetas da geração de *Orpheu*. Preocupados com uma literatura viva, sincera e original, que brotasse das partes mais virginais e recônditas do indivíduo, conforme postulado por José Régio, os presencistas reconheciam nos órficos os seus precursores. Tanto os presencistas como os neorrealistas escreveram em maior quantidade que os órficos páginas doutrinárias e ensaios de crítica literária. No meio dessas páginas, destacam-se as querelas entre presencistas e neorrealistas, abordadas no ensaio de Fernando Teixeira Batista, “Literatura viva ou vida na literatura: A Torre de Marfim da *Presença* como alvo preferido dos Neorrealistas”. O autor examina vários discursos críticos acerca do Neorrealismo, estampados na revista *Presença*, e

faz o mesmo com os discursos estampados em órgãos de difusão do movimento neorrealista, como os periódicos *O Diabo*, *Sol Nascente* e *Vértice*. Conforme Batista,

No fundo, o que separava verdadeiramente presencialistas e neorrealistas era o entendimento da finalidade da arte, a transferência de um plano psicológico para um plano social, resultando daí a passagem de uma polaridade estética para uma propensão ética da linguagem.

Pelo que se percebe nos artigos que constituem o presente dossiê temático da revista *Uniletras*, as revistas literárias modernistas dão conta dessa relação dialética de tradição/ruptura que envolve os fenômenos culturais, possibilitam uma formação e revisão do cânone literário, problematizam as relações interartísticas e os diálogos luso-brasileiros. Sobre esse último aspecto, no período de 1900 a 1915, revistas como *A Crónica*, *Sombra e Luz*, *Gazeta Ilustrada*, *Revista Nova*, *Ilustração Portuguesa*, *A Revista*, *Portugália*, *Arte & Vida*, *Revista Literária*, *O Heraldo*, *Ilustração Popular*, *A Águia*, *Figueira*, *A Vida Portuguesa*, *A Rajada*, *A Labareda*, *A Renascença*, *Orpheu* ou *Atlântida* olhavam, de modos diversos, o espaço brasileiro. Autores brasileiros como Ronald de Carvalho (um dos diretores do primeiro número da *Orpheu*), Eduardo Guimaraens (colaborador do segundo número da *Orpheu*) e Cecília Meireles (que publicou os *Poetas novos de Portugal* no Brasil, além de estabelecer intenso diálogo epistolar com Côrtes-Rodrigues), além de Carlos Maul, Ernani Rosas e Guilherme de Almeida, foram responsáveis por unir os dois lados do Atlântico.

Prof. Doutor Fernando de Moraes Gebra
Universidade Federal da Fronteira Sul
Coordenador do Colóquio Internacional 100/Exílio&Centauro: Modernismo em Revista(s)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anabela. *As constantes de Orpheu na obra de Armando Côrtes-Rodrigues*. 2014. 298 f. Tese (Doutoramento em Estudos Portugueses/Estudos da Literatura) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

CENTAURO, edição fac-similada. Org. Nuno Júdice. Lisboa: Contexto, 1982.

EXÍLIO, edição fac-similada. Org. Teresa Almeida. Lisboa: Contexto, 1982.

GEBRA, Fernando de Moraes. Orpheu entre tradição e vanguarda: Ecos da melancolia de António Nobre nas poéticas de Sá-Carneiro e Alfredo Guisado. In: **Revista Desassossego**, n.14, dez. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/106787>